

américa latina

Golpe completa um mês. Repressão também

HONDURAS Na fronteira com a Nicarágua, manifestantes pró-Manuel Zelaya seguem sendo reprimidos pelos golpistas

Claudia Jardim
enviada a El Paraíso e Las Manos (Honduras)

HÁ UM MÊS, os hondurenhos se preparavam para participar de uma consulta popular não vinculante que poderia abrir caminho para a instalação de uma Assembleia Constituinte. Um golpe de Estado contra o presidente Manuel Zelaya, no entanto, mudou a programação do domingo 28 de junho. Desde então, o país centro-americano está submerso na mais profunda crise das últimas décadas. Em 24 de junho, o anúncio do “regresso apoteótico” do mandatário, expulso do país, foi barrado. A multidão que Zelaya pretendia reunir na fronteira com a Nicarágua foi impedida de transitar pelas rodovias hondurenhas. No dia “marcado”, o governo golpista surpreendeu os manifestantes ao antecipar o toque de recolher para a partir das 12 horas, e não mais a partir das 23 horas, como estava estabelecido desde o golpe. A medida abriu caminho para uma série de “violações aos direitos humanos”, de acordo com uma comissão internacional encarregada de avaliar a crise em Honduras.

Dirigente preso

A camponesa Vicenta Bautista, de 53 anos, decidiu madrugar com a família para participar da manifestação na fronteira. Não foi possível. “Caminhamos uns oito quilômetros, quando o Exército nos prendeu. Eu expliquei que só queria ver o presidente”, afirma, enquanto as lágrimas escorrem pelo rosto marcado pelo trabalho no campo. “Chamaram-nos de vagabundos”.

Apenas com a roupa do corpo, vestido surrado e um lenço na cabeça, Vicenta, outras 15 mulheres, 12 menores de idade e mais de 50 homens passaram a noite na cadeia. “Não comemos nada, nem água deram para a gente tomar”, conta. “Zelaya foi o único presidente que olhou para os pobres e nos ajudou com o bônus tecnológico [espécie de bolsa para o plantio equivalente a 78 dólares]”.

Nessa delegacia, também estava detido o dirigente da Via Campesina Rafael Alegría. Sua presença ali, porém, foi negada pelo dele-

gado de plantão. “Não veio para cá, não sei onde ele está”. As mulheres e jovens detidos, no entanto, afirmavam que ele estava na cela com os homens. À revelia dos policiais, a reportagem do **Brasil de Fato** comprovou que Alegría estava “escondido” entre os demais homens.

“O nome dele não constava no registro da delegacia. Diante da situação que estamos vivendo e pelas frequentes ameaças que ele tem recebido, não é exagero afirmar que pretendiam desaparecê-lo”, avaliou o advogado Neptali Rodezno, que acompanhava a busca por presos políticos no município de Danlí, a 20 quilômetros da fronteira com a Nicarágua. Devido à pressão de organizações de direitos humanos, os detidos foram soltos algumas horas depois.

Pelas montanhas

Acompanhado por um grupo de outros 45 indígenas, Juan Fredy Martínez diz ter tido melhor sorte, e comemorava ao chegar a território nicaraguense. “Caminhamos quatro dias e quatro noites pelas montanhas, com o Exército atrás da gente”. Martínez conta que não comia, e a pouca água que tomavam era dos rios. “Mas valeu a pena. Conseguimos”.

Desidratado, com bolhas nos pés rachados, ele se juntaria a outras centenas de pessoas que estão acampadas em uma escola na zona fronteiriça. “Não estamos aqui defendendo Manuel Zelaya, e sim nosso direito de viver em um país democrático e de ter uma Constituição feita por nós”, afirmou. “Os golpistas não sabem o favor que nos fizeram. O golpe despertou todo mundo”, acrescentou.

Estima-se que cerca de 2 mil pessoas já tenham cruzado a fronteira com a Nicarágua. Zelaya, por enquanto, continua realizando encontros com seus simpatizantes em território nicaraguense, e no momento não dá mostras de que tentará regressar novamente à Honduras à força. Diante da pressão internacional – o governo dos EUA suspendeu, no dia 28 de julho, o visto de quatro funcionários do governo Micheletti –, o congresso hondurenho aceitou debater a aplicação de uma anistia para o

presidente deposto. No caso de ser aprovada, Zelaya poderia voltar a Honduras sem o risco de ser preso.

Cárcere a céu aberto

A situação mais crítica de confronto entre as Forças Armadas e manifestantes ocorreu no município de El Paraíso, distante 12 quilômetros da fronteira entre Honduras e Nicarágua. Pegos pelo toque de recolher, que logo foi transformado em estado de sítio permanente, cerca de 2 mil pessoas foram cercadas pelo Exército.

Ali, as pessoas não tinham o direito nem de ir à fronteira nem de regressar às suas casas, se fosse o caso. “Estamos sequestrados, não há comida, não temos água, querem nos eliminar”, lamentou María Sánchez. Poucos minutos depois, começou o enfrentamento entre Exército e policiais contra os manifestantes. Uma pessoa foi ferida por um disparo e outra se machucou enquanto escapava das bombas de gás lacrimogêneo. Pouco a pouco, iam chegando novos manifestantes, aumentando a escassez de comida e água. Caiu a noite, e com ela, a chuva, que apagou a fogueira que aquecia os desagasalhados.

Na manhã do sábado, 25, os manifestantes descobriram que um de seus companheiros havia sido morto na madrugada. Pedro Muñoz, de 24 anos. Com visíveis sinais de tortura, o jovem foi morto com 34 facadas nas costas. “Vimos quando ele foi preso pela polícia. Nos disseram que ele estava na delegacia. Agora aparece morto”, afirmou Andrés Salvador, um dos acampados. “Responsabilizamos o Exército e a polícia por esse assassinato”. As autoridades, por sua vez, negam a autoria do crime.

Fantasma

Desde a morte de Muñoz, um velho fantasma da repressão nos anos de 1980, o oficial Billi Joya, voltou a rondar as mentes desses hondurenhos. Joya é o assessor de segurança de Roberto Micheletti, o presidente golpista. O advogado Neptali Rodezno, que pertence à Frente de Advogados contra o Golpe, conta que El Paraíso foi o “berço” dos “Contras” (grupo treinado pela CIA para combater a Revolução Sandinista, na Nicarágua) e do esquadrão da morte 3-16. “Este é o método de repressão que Billi Joya usa: o terror”. Os manifestantes fizeram um velório simbólico. Colocaram o corpo coberto pela bandeira de Honduras na frente da barreira policial, aos gritos de “Assassinos! Assassinos!”.

Na terça-feira, 28, a resistência em El Paraíso foi eliminada. Na madrugada, o Exército disparou bombas de gás lacrimogêneo e capturou boa parte dos manifestantes que ainda permaneciam ali. Horas depois, parte desse grupo foi levada à capital Tegucigalpa em um caminhão fechado. Outras dezenas de pessoas estão desaparecidas, de acordo com organizações de direitos humanos. (CJ)



Apoiadador de Zelaya em meio a dezenas de soldados em El Paraíso

“O temor às mudanças provocou o golpe”, diz Manuel Zelaya

Em entrevista ao Brasil de Fato, presidente deposto de Honduras afirma que o povo de seu país tem o direito de recorrer às armas para resistir ao golpe

enviada a Las Manos (Honduras)

Cercado por guarda-costas, o presidente deposto de Honduras, Manuel Zelaya, cumprimentava com euforia um grupo de hondurenhos que cruzaram a fronteira com a Nicarágua, local em que ele havia convocado seus simpatizantes para, juntos, reingressarem ao país depois de 26 dias de exílio.

A entrada triunfal programada por Zelaya foi minguada pelo governo golpista de Roberto Micheletti, que decretou estado de sítio nos estados cuja rodovia leva à fronteira, em uma tentativa de impedir a mobilização convocada pela Frente de Resistência ao Golpe.

Empenhados em receber o presidente deposto, porém, centenas de hondurenhos se aventuraram pelas montanhas do país para driblar a repressão do Exército. Entre abraços e gritos de “*urge Mel!*” (algo como “apareça, Mel!”), apelido pelo qual é conhecido), a segurança do mandatário advertia sobre a presença de franco-atiradores em uma colina.

Sem a multidão esperada, Zelaya não cruzou a fronteira. Se o fizesse, “seria preso”, advertiu um coronel do Exército hondurenho encarregado da vigilância da aduana. O presidente deposto aguardava a resposta de uma “negociação” para que o Exército permitisse sua entrada. Não houve acordo.

Sentado em um jipe rodeado por simpatizantes, Manuel Zelaya conversou brevemente com o **Brasil de Fato**. Visivelmente cansado e aparentemente sem estratégia real para garantir seu retorno à presidência, ele advertiu que “se as armas voltaram às mãos da direita para derrocar presidentes reformistas, então os povos também têm direito de voltar a buscar soluções nesse caminho”.

Brasil de Fato – O governo dos EUA criticou sua decisão de tentar voltar ao país sem um prévio acordo com o governo de fato. Qual sua opinião?

Manuel Zelaya – Dei todas as tréguas. Fui extremamente tolerante, esperei e apoiei todas as decisões tomadas pela comunidade internacional. Aceitei o que disse a secretária de Estado [estadunidense, Hillary] Clinton. No entan-

to, os golpistas continuam reprimindo o povo, violando os direitos humanos da população, apropriando-se de recursos que não lhes pertencem, usurpando a soberania popular, traindo os poderes do Estado. Me tiraram de casa em uma madrugada a baço, amarrado. Nunca me acusaram formalmente em uma demanda judicial, nunca fizeram acusação anterior. Agora inventaram acusações contra mim, minha família e meus ministros. Os militares falam de democracias, mas quando alguém emite uma posição contrária, é declarado comunista, perseguem e dão um golpe de Estado. A elite hondurenha é extremamente conservadora.

O senhor não pôde entrar em Honduras como previsto. O que pretende fazer?

Mantenho o chamado ao povo hondurenho para que venha à fronteira. [O Exército impede que os manifestantes cheguem à zona fronteiriça]. São só 12 quilômetros entre El Paraíso [último ponto de bloqueio do Exército] e Las Manos. As pessoas podem vir caminhando, a polícia não vai deter. E também há outras possibilidades. Tenho dois helicópteros e posso aterrizar em qualquer lado.

Quais foram os fatores determinantes que desencadearam o golpe de Estado?

Honduras é a terceira economia mais pobre na América Latina. De cada dez hondurenhos, oito vivem na pobreza e três vivem em pobreza extrema. Acredito que uma sociedade que vive assim há pelo menos um século deve ser analisada para a promoção de mudanças. E essas mudanças estão relacionadas com a forma de estabelecer o sistema de governo. É evidente que as elites econômicas, que são privilegiadas por essa situação, pelo *status quo*, não querem essas mudanças. Então, a única maneira de promover mudanças em Honduras é ampliar os espaços de participação cidadã, os processos de participação social. Apontei isso e os oligarcas me declararam inimigo da pátria; e começaram a conspirar contra mim. Aumentei o salário dos trabalhadores, tentei incorporar a reforma agrária, abri as portas ao socialismo do Sul e isso foi considerado um delito. Tudo isso contribuiu para que a oligarquia econômica – apoiada pelos velhos falcões de Washington, como Otto Reich e Robert Carmona, e alguns congressistas estadunidenses – começassem a conspiração que resultou no golpe. Mas se equivocaram. Pensaram que seria fácil como no século 20, quando em 48 horas os golpistas conseguiram dominar o povo. O povo agora já leva 28 dias nas ruas, reclamando, dizendo que não aceitavam esse golpe. A comunidade internacional também mudou.

Já não aceitam golpes de Estado, porque realmente são ilegítimos, são um retrocesso, é a volta da força sobre a razão. É a volta da violência sobre as urnas. Isso provocou o golpe. O temor às mudanças, temor de que o povo se organize.

A imprensa hondurenha o compara com o presidente Hugo Chávez. Como o senhor define seu governo?

De centro-esquerda. De centro porque apoiamos o liberalismo econômico, e de esquerda porque apoiamos processos sociais, socialistas. Busquei um meio-termo. Mesmo assim me declararam inimigo das elites econômicas, precisamente porque aumentei o salário mínimo dos trabalhadores. Me parece injusto que me deem um golpe de Estado porque estava fazendo uma consulta pública para ver qual era a tendência do povo em relação aos processos de participação cidadã. É ridículo o que aconteceu, o mundo está rindo dos golpistas, ninguém reconhece suas ações.

Muitos consideram que os EUA adotaram uma postura dúbia nessa crise. Condenou o golpe, porém não aplicou sanções econômicas ao governo de fato de Roberto Micheletti. Qual a sua avaliação?

O governo de Barack Obama tem sido congruente com uma diplomacia multilateral e deu demonstrações de querer resolver o problema. Mas não ocorre a mesma coisa em outros grupos de poder dos EUA. Eles sim estão apoiando o golpe, a velha guarda dos conservadores está apoiando o golpe. Obama não. A secretária de Estado Hillary Clinton foi clara. Mas nos EUA há muitos interesses políticos e econômicos e há muita gente sectária, que querem impor sua ideologia.

O senhor busca retomar o poder, porém, até agora, Micheletti tem reiterado que não acatará a determinação da OEA de restituí-lo ao cargo. O que pode significar esse precedente para a América Central?

Este golpe mata a força da soberania popular. Isso abre um precedente no sentido de que, se as armas voltaram às mãos da direita para derrocar presidentes reformistas, então os povos também têm direito de voltar a buscar soluções nesse caminho, coisa que não desejamos. Primeiro, dizem à população que há que votar e que a democracia é seu direito, e agora as armas voltam a atacar a democracia. Isso não se pode permitir. Há que lutar contra isso.

Com as Forças Armadas, Congresso e empresários sustentando o golpe, o que o senhor pretende fazer para recuperar o poder?

Me manter firme. (CJ)



Manifestantes caminharam quilômetros para chegar à fronteira